

ESTER WANDERLEY DE SOUSA

**E o verbo se fez voz: A literatura marginal periférica através do resgate da memória,
pela busca da identidade, e legitimação de discurso.**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Licenciatura em Português em Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Brasília/DF
2023

Ficha catalográfica. Confeccionar, conforme normas

UnB. Ver biblioteca. [ver depois na biblioteca](#)

ESTER WANDERLEY DE SOUSA

**E o verbo se fez voz: A literatura marginal periférica através do resgate da memória,
pela busca da identidade, e legitimação de discurso.**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)
Universidade de Brasília/UnB

Brasília /DF, 30 de março de 2023

SOUSA, ESTER. *E o verbo se fez voz: A literatura marginal periférica através do resgate da memória, pela busca da identidade, e legitimação de discurso*. 2023. XX f. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Letras - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2023.

RESUMO

O artigo apresenta reflexões acerca da importância do movimento literário periférico para a sociedade, em relação à formação do ser individual e, em coletividade, considerando seus valores e seus efeitos, sobretudo no ambiente escolar. Perpassando por reflexões acerca do resgate da memória para a construção das narrativas como forma de busca identitária, e a promoção de eventos voltados para o público periférico como via para a legitimação do discurso marginal.

Palavras-chave: Memória. Literatura periférica marginal. Identidade. Legitimação de voz.

SOUSA, ESTER. *E o verbo se fez voz: A literatura marginal periférica através do resgate da memória, pela busca da identidade, e legitimação de discurso*. 2023. XX f. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Letras - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2023.

ABSTRACT

This article presents reflections on the importance of the peripheral literary movement for society, in relation to the formation of the individual being and, collectively, considering its values and its effects, especially in the school environment. Passing through reflections about the rescue of memory for the construction of narratives as a form of identity search, and the promotion of events aimed at the peripheral public as a way to legitimize the marginal discourse.

Keywords: Memory. Marginal peripheral literature. Identity. Voice legitimation.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aquele que sempre foi base de tudo em minha vida, por toda orientação e inspiração para falar sobre o que amo e acredito fazer diferença na vida dos meus. Pela minha família, que, mesmo com todas as dificuldades, me fizeram acreditar que conseguiria alcançar todos os meus objetivos até então.

Este trabalho é destinado a todos que me apoiaram nesta jornada de autoconhecimento, que foi a vida universitária. Agradeço aqueles que acreditam no ensino público, gratuito e inclusivo, sobretudo a todos os professores que defendem e abrem portas para os alunos, que assim como eu, não tinha qualquer perspectiva de cursar o ensino superior.

Aos meus amigos que me apoiaram, me corrigiram, me orientaram, e me sustentaram nos momentos em que descreditei de mim mesma, em especial, Maria da Conceição, Gabriela Alves, meus irmãos de vida, Carolina Almeida, Natália Oliveira, e Izael Vieira, sem vocês, não chegaria até aqui.

Agradeço a Universidade de Brasília por todas as oportunidades que me foram apresentadas.

Ao movimento literário periférico, ao qual me dediquei em pesquisar para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, ao RAP por ter me permitido expandir meus olhares de forma crítica, à realidade em que vivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 SOBRE MEMÓRIA E LITERATURA.....	10
2 O DISCURSO MARGINAL.....	12
3 VOZ E LEGITIMAÇÃO.....	14
4 SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

INTRODUÇÃO

Boa parte do que sabemos sobre a origem das civilizações advém das histórias que foram registradas ao longo dos tempos, sejam elas através da escrita, ou da oralidade. A tradição de contar histórias, acompanha os seres desde o início de sua existência.

Através da pintura em cavernas, os homens já registravam acontecimentos de seu cotidiano, como rituais e fenômenos da natureza, o que favoreceu o nosso conhecimento sobre nossas origens e a compreensão sobre a atualidade. Na Grécia antiga, por exemplo, a narrativa através da oralidade podia dispor de diversas formas, canções, poesias, cantos e até através das manifestações corporais, como a dança.

Com o passar do tempo, com a evolução do pensamento humano e suas inteligências, novos meios de disseminação desse saber foram surgindo, como é o caso da escrita, e logo mais, o desenvolvimento da literatura.

Segundo Antônio Candido (1918-2017)¹ "a literatura ocupa um lugar indispensável no que diz respeito à formação do ser em seu processo de humanização". Isso é possível, pois a literatura causa em seu receptor, um sentimento de reflexão acerca do fantástico em contraste ao contexto de fato existente. Isso permite que o leitor estabeleça uma percepção crítica de sua própria realidade e sobre suas próprias leituras de mundo. Ainda segundo o autor, "cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles."

Inconscientemente, ao se falar sobre literatura, a mente social se volta a pensar, sobretudo, na erudição dos clássicos, nas escritas acadêmicas, e na linguagem inteiramente padronizada e culta. A literatura no Brasil é marcada por escolas literárias e grandes nomes reconhecidos mundialmente por comporem a cátedra da Academia Brasileira de Letras (ABL), porém, se engana quem ainda acredita que a literatura do país somente é constituída por tais autores. A

¹ Professor, sociólogo e expoente da crítica literária brasileira.

verdade é que desde alguns anos, essa arte literária se transforma, e o que a faz perdurar, especialmente no contexto social popular, é a que se distancia da academia e da sua tradição e erudição.

Considerando a importância da narrativa desde o início das civilizações, como fonte de conhecimento e entendimento acerca de nossas raízes, o presente trabalho tem por finalidade, explorar a importância da narrativa literária periférica para a construção da identidade de um grupo, quais os meios que podem ser utilizados para a legitimação da voz periférica, e qual o impacto dessas “escrevivências” para a sociedade. Propondo uma reflexão sobre o resgate da memória como via para a legitimação de voz e lugar social.

Utilizando como metodologia, o estudo e apresentação de trechos de textos acadêmicos, como estudos do sociólogo e crítico literário Antônio Cândido, e da antropóloga Érica Peçanha, entre outros, e textos literários, como a obra *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, *Das quadras para o mundo*, de Preto Zezé. Além de abordar a importância de eventos artísticos literários (ex:saraus e festivais), organizados pelas e para as periferias, como meio de abrir espaço para a disseminação da arte e da voz por vezes silenciada. Além de apresentar essa novidade literária e sua importância no contexto educacional para os novos leitores, oriundos das favelas.

SOBRE MEMÓRIA E LITERATURA

A compreensão da memória se tornou gradualmente mais relevante, à medida que se evidenciava, cotidianamente, o quanto é fundamental para a constituição do sujeito. Afinal, quando se perde a memória, corre-se o risco de perder-se a si mesmo e ser perdido por aqueles que o amam. (CARVALHO, 2016)

Como instrumento de construção das narrativas, temos a memória como um dos principais meios que colaboram para o compartilhamento de experiências, vivências, e busca de nós mesmos. Segundo Michael Pollak² em seu trabalho denominado *Memória e Identidade Social*,

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992)

Dialogando com a citação anterior, a perpetuação de um ser em sociedade considerando suas raízes, costumes, crenças e tradições, permite que o sujeito construa a partir de lembranças - sejam elas próprias, ou de terceiros- a sua identidade individual no contexto social e grupal em que vive. No Brasil, entender a construção social a qual descendemos é de extrema necessidade para que possamos discutir temas relacionados a invisibilização e silenciamento do sujeito periférico. A literatura quanto espaço de registro, nos permite visitar acervos de memórias que colaboram para tais entendimentos e discussões.

Eliana Alves Cruz³, em sua obra *Água de Barrela*, nos apresenta histórias de seus antecedentes familiares, que mesmo após a proibição do tráfico de escravos, foram forçados a sair de sua terra mãe para o território brasileiro no período colonial. Já no primeiro capítulo, intitulado “Ferro em brasa na memória”, temos a recordação de Akin Sangokunle, nomeado como Firmino após o batismo cristão, que apresenta sua lembrança do dia em foi tirado de sua pátria: “o ano era 1849 e contava nove anos quando foi empurrado com brutalidade para

² Michael Pollak nasceu em Viena, Áustria, em 1948, e morreu em Paris em 1992. Radicado na França formou-se em sociologia e trabalhou como pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique- CNRS.

³ Jornalista e escritora, autora de três romances: *Água de Barrela*, *O Crime do Cais do Valongo*, e *Nada digo de ti, que em ti não veja*.

dentro daquele barco grande. Podia sentir ainda o coração gelado pelo pavor e raiva que dominaram aquele momento.”

Perpassando por dores, nascimentos, alegrias, perdas, revoltas e reencontros, a narrativa se constrói entrelaçando fatos históricos que constituíram o cenário econômico do país, como a abolição da escravidão, as relações entre os colonizadores reais, e a queda da bolsa de Nova Iorque em 1929, onde a autora reflete sobre as relações de política, cargos, trabalho e poder. Nos últimos capítulos, são apresentados relatos de como se sucederam as relações familiares após os acontecimentos que “garantiam a liberdade” dos escravos, como a busca de um lugar, os casamentos, e o crescimento das crianças, que agora teriam o conhecimento sobre sua origem a partir da contação das histórias a partir dos seus familiares mais velhos, e encerra:

A história continuou e está prosseguindo através de todos nós, pessoas comuns, mas que têm em suas mãos os pedaços miúdos da vida.(...) O que aconteceu depois e o que está acontecendo agora? Seriam necessários outros livros, pois essas são outras águas, outras “barrelas. (EVARISTO,2006)

A partir do que a autora Conceição Evaristo denomina “escrevivências”, em seu romance *Becos da Memória*, são construídas narrativas capazes de proporcionar reflexão, crítica e identificação aos acontecimentos ali descritos. Em sua obra publicada em 2006, a escritora aborda sobre o seu cotidiano na favela em que passou parte de sua vida, em Belo Horizonte. Não diferente da realidade de muitos brasileiros, o discurso tem por pano de fundo, o cenário da pobreza, da fome, e da deslegitimação espacial. Por meio dos vários e distintos personagens, a obra permite que participemos e sintamos a vida, conforme está sendo retratada.

Dessa forma, as narrativas se constroem de forma coletiva, como uma colcha de retalhos, onde diversas histórias, de diferentes autores e suas temáticas, se unem em prol da construção de uma identidade comum. Assim, as temáticas abordadas vão sendo “legitimadas”, de forma que o autor além de produzir, proporcione ao seu receptor, a experiência de colocá-lo no lugar de protagonista de sua própria história.

O DISCURSO MARGINAL

“Somos o grito de um povo que se recusa a andar de cabeça
baixa e se prostrar de joelhos.
Somos o *Poema sujo* de Ferreira Gullar.
Somos *O rastilho da pólvora*.
Somos *Um punhado de ossos*, de Ivan Junqueira, *Tecendo a manhã*
de João Cabral de Melo Neto.
Neste instante, neste país cheio de Machados se achando serra elétrica, nós somos a poesia: essa árvore de raízes profundas regada com a água que o povo lava o rosto depois do trabalho”
(VAZ, 2011: 36).

Considerada marco da literatura marginal⁴ no Brasil, a década de 70 foi palco de inúmeras manifestações artísticas e populares que se caracterizavam pelo seu conteúdo de protesto em contexto da ditadura militar. Nesse período, a literatura produzida pela chamada Geração Mimeógrafo⁵ trazia temáticas cotidianas, como forma de "noticiar" através do meio artístico, denúncias sociais, e culturais. Caracterizada pelo uso de linguagem popular cotidiana, com a presença por vezes de gírias e palavrões, com a não importância da forma e regras gramaticais, esse movimento resultou em inúmeras produções de diversos artistas do país todo. Seguindo a sintetização acerca do perfil dos escritores da época, apresentado por de Érica Peçanha em sua obra “Vozes Marginais na Literatura”, os autores:

São representantes das camadas privilegiadas, ligados às atividades de cinema, teatro e música e às universidades públicas. Aglutina duas gerações de intelectuais: poetas que já publicavam nos anos 1960, mas não tinham sintonia com os movimentos de poesia concreta, poesia da práxis ou poesia-processo; e poetas que começaram a publicar nos anos 1970 (NASCIMENTO, 2009).

O sujeito periférico, ao abordar o cotidiano e as vivências das periferias brasileiras, no meio artístico, promove um movimento de legitimação e identificação dos demais. Temas como violência, medo e morte, não eram abordados, já que “na favela ninguém vê, ou ouve”.

⁴ Marginal no sentido de distanciamento do cânone e dos meios editoriais populares e tradicionais.

⁵ Esse movimento tem esse nome, pois muitos autores buscavam os mimeógrafos para realizar a cópia de seus livros, sem vínculo com as editoras.

Contudo, é de extrema importância que o próprio ser marginal conte sua história, proporcionando assim, uma outra perspectiva além da abordada nos meios populares de informação.

O movimento literário periférico não se restringe apenas aos escritos de fato, os artistas buscam em diversos meios, uma forma de unificar sua voz, e fazê-la ecoar. Através da similaridade, por temática e público, o movimento Hip-hop/Rap, oriundos das favelas, se tornam aliados e precursores dessa narrativa no meio musical.

No Brasil, o grupo Racionais Mcs⁶, fundado em 1988, é referência no que diz respeito ao detalhamento e exposição de assuntos silenciados nos meios midiáticos, como o racismo, drogas, e questões cotidianas do ser marginalizado, integralizando críticas políticas e sociais. Apesar das problemáticas que envolviam a recepção do público às primeiras músicas do grupo, comentadas no documentário *Das Ruas de São Paulo para o Mundo*, lançado em novembro de 2022 pela plataforma de streaming Netflix, com o passar do tempo, a identidade do grupo se adequa ao que de fato queriam expor à sociedade. Passando de temáticas e linguajar considerados “pesados”, as músicas se convertem, no sentido de mudança de perspectiva.

Os artistas, ao citarem o cotidiano e a violência vivida nas favelas, podem causar certo estranhamento aos que não vivem tal realidade, podendo proporcionar uma visão “caricata” e até fantasiosa dos acontecimentos. Por essa razão, muitos autores fogem dos meios de comunicação tradicionais e voltados à massa social, para evitar que a favela seja vista como lugar somente de violência e pobreza. Nos dias de hoje, além das temáticas de violência, dor e abandono, a geração periférica tem abordado temáticas de esperança, com o intuito de influenciar para o bem a vida dos que consomem suas produções, a partir de suas próprias experiências vividas.

⁶ Grupo formado por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira, 1970), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador, 1970), Edi Rock (Aivaldo Pereira ALVES, 1970) e KL Jay (Kléber Geraldo Lelis Simões, 1969).

VOZ E LEGITIMAÇÃO

Da mesma forma que o movimento literário periférico enfrenta certa resistência em ser reconhecido como literatura, os autores também enfrentam certa "rejeição" no meio editorial e midiático, com isso, utilizam da criatividade para obterem seus meios próprios de divulgação e lugar de voz, daí surgem eventos como a idealização e realização de saraus⁷ e palestras. O surgimento e crescimento de eventos voltados ao público da margem, favorecem o interesse, sobretudo dos jovens, ao mundo cultural, seja como platéia ou compositor.

Segundo Peçanha, a nova geração de escritores marginais é caracterizada por:

Representantes das classes populares e moradores de bairros das periferias urbanas brasileiras. São, majoritariamente, residentes do estado de São Paulo e homens. Boa parte deles estreou no campo literário com a publicação das edições especiais da revista Caros Amigos/ Literatura Marginal. Estão ligados ao movimento hip hop e/ ou envolvidos com projetos culturais ou sociais. (NASCIMENTO, 2009)

Fundada em São Paulo pelo poeta Sérgio Vaz nos anos 2000, a Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), tem por objetivo reunir a pluralidade artística da periferia. Em meados de 2002, começam a surgir os saraus, onde os artistas poderiam se encontrar para compartilhar seus escritos e trocar experiências. Como oportunidade de serem ouvidos, os poetas da própria comunidade começam a frequentar os encontros, e com isso, ocorre o crescimento e sucesso das próximas edições. O movimento cultural se perpetua, e ocupa espaços por diversos estados pelo país.

Em Brasília, por exemplo, temos o tradicional Sarau-Vá (Sarau Voz e Alma), que com o apoio do Fundo de Apoio Cultural- FAC, ocorre quinzenalmente e gratuitamente na praça da Bíblia, localizada na Região Administrativa IX, Ceilândia. Em uma entrevista ao Jornal de Brasília, um dos seus fundadores Guilherme Azevedo, conta um pouco sobre o surgimento do projeto:

“Lá em 2013 a gente só queria ver os amigos e ouvir poesia, não tínhamos noção da proporção que ia tomar. Nos juntávamos num bar, muitas vezes não tinha som nem microfone, mas a necessidade de ter um espaço nosso, para ver, ouvir e falar para

⁷ Saraus são eventos culturais realizados geralmente em pequenos ambientes, ou espaços públicos, com a finalidade de ser palco para encontros de manifestações artísticas periféricas, das mais diversas modalidades.

nossos, fez que mais pessoas se identificassem e fizessem o Sarau Voz e Alma tomar essa força que tem hoje.”

Muitos dos artistas ainda utilizam da memória de seus descendentes, de sua própria infância, juventude e vivências do dia a dia para compor seus escritos. Como dito anteriormente, esse movimento favorece a identificação do público aos temas, e os incentiva a acessarem e produzirem seus próprios conteúdos. Sendo assim, a geração que produz essa escrita nos dias de hoje, está preocupada em produzir dela, para ela, ou seja, da periferia para a periferia.

Sérgio Vaz em *Manifesto da Antropofagia periférica* (2008), utiliza o termo “antropofagia” ao fazer referência à esse movimento de consumo da arte periférica:

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir à voz que grita contra o silêncio que nos pune.
Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.
A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.
Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção.
Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.
A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.
A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.
Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”. Do cinema real que transmite ilusão.
Das Artes Plásticas, que, de concreto, querem substituir os barcos de madeira.
Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.
Da Música que não embala os adormecidos.
Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.
A Periferia unida, no centro de todas as coisas.
Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.
Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.
É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas
Taís Aline Eble | Adolfo Ramos Lamar
200
Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas.
v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193-212.
também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que, armado da verdade, por si só exercita a revolução.
Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hip-

notiza no colo da poltrona.
 Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus,
 teatros e espaços para o acesso à produção cultural.
 Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril
 avantajado.
 Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior. Mia-
 mi pra eles?
 ‘Me ame pra nós!’.
 Contra os carrascos e as vítimas do sistema.
 Contra os covardes e eruditos de aquário.
 Contra o artista serviçal escravo da vaidade.
 Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.
 A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.
 Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.
 É TUDO NOSSO! (VAZ, 2008, p. 246-250).

Em “Literatura Pão e Poesia”, o autor resume esse movimento de dilatação literária quando diz:

“A literatura na periferia não tem descanso, a cada dia chegam mais livros. A cada dia chegam mais escritores, e, por consequência, mais leitores. Só os cegos não querem enxergar este movimento que cresce a olho nu, neste início de século. Só os surdos não querem ouvir o coração deste povo lindo e inteligente zabumbando de amor pela poesia. Só os mudos, sempre eles, não dizem nada. Esses costumam acreditar.” (VAZ,2011)

Dessa forma, as escritas periféricas cumprem cada vez mais o que buscam alcançar. Promovendo e facilitando, através da temática e linguagem, o acesso de seu público às suas criações.

SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Apesar de tais promoções de eventos agregarem ao social cultural, no formato “livre”, existe um cenário em que essa literatura poderia interferir na vida de muitos jovens de forma positiva, tanto ao aguçar o paladar e interesse pela leitura, quanto ao desenvolvimento do pensamento crítico sobre sua própria realidade, o contexto escolar.

De fato, a educação, sobretudo a pública no Brasil, enfrenta a cada dia, adversidades que contribuem para a não simpatia dos alunos aos estudos literários, como por exemplo, o valor dos impostos cobrados sobre os livros, o que dificulta a democratização ao acesso. A realidade escolar do jovem periférico muitas vezes se resume em simplesmente cumprir com

uma obrigação social, que é a conclusão do ensino médio. Muitos alunos têm que se desdobrar em múltiplas atividades além dos conteúdos escolares, e muitas vezes essa realidade se iguala a de muitos brasileiros, como dito em *Das Quadras para o Mundo*, por Preto Zezé⁸:

“Eu venho de uma geração que tem como padrão de infância e juventude o dilema injusto entre trabalhar e estudar(...) Comigo não foi diferente; a infância padrão nos mostra que as notas azuis dos boletins escolares não têm tanto efeito prático em nossas vidas quanto as notas de dinheiro.” (ZEZÉ, 2021)

Com isso, o interesse aos estudos, sobretudo à leitura, fica em segundo e terceiro plano. Esse movimento pode ser interpretado, por os alunos não desenvolverem uma identificação com as obras trabalhadas nas escolas, por vezes distantes de sua realidade, e de linguagem quando na verdade, poderia ser uma forma de iniciar o questionamento desse ser a qual destino lhe é imposto. Nesse sentido, cabe a nós professores, permitir uma inserção desse jovem ao mundo literário, podendo utilizar da literatura marginal como ponte para tal.

Segundo apontamentos de Mei Hua Soares⁹ "As leituras dos textos marginais- periféricos em sala de aula propiciaram um conjunto de apontamentos, reflexões, debates e embates, enfim, uma ação crítica durante e após a leitura literária". Podemos aqui, nos questionar, acerca de como aconteceria essa identificação do aluno-personagem-sociedade.

Sabemos que a literatura por si, compõe-se de diversos recursos que propiciam a nossa identificação com a obra. No caso dos escritos marginais, podemos citar como principal, a linguagem, recheada de gírias, termos e dizeres populares, as temáticas voltadas ao cotidiano de fato, e ainda, quanto à forma, por vezes despadronizada, que chama a atenção dos jovens, que são facilmente atraídos por conteúdos diferentes, sobretudo aos que valorizam a mudança de vida. Com isso, tomamos como exemplo, o trecho de Ferréz, em *Capão Pecado*, onde os personagens levantam uma reflexão acerca da mudança de vida a partir dos estudos:

"Sou pobre, mas não sou fracassado." Falta algo pra esses mano, sei lá, preparo; eles têm que se ligá, pois se você for notar, tudo tá evoluindo e os chegado tão lá no mesmo, e não tô dizendo isso porque sou melhor não. Cê tá ligado que comigo isso não existe, mas na moral, cara, esses aí vão ser engolidos pelo sistema; enquanto eles dormem até meio-dia e fica rebolando nos salão até de manhã, os playbas tão estudando, evoluindo, fazendo cursinho de tudo que é coisa. (FERRÉZ, 2000, p.93)

⁸ Francisco José Pereira de Lima, presidente global da Central Única das Favelas- CUFA. Empreendedor, produtor artístico e musical, escritor e ativista brasileiro.

⁹ Doutora em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP).

Dessa forma, podemos reafirmar a importância da literatura marginal para a identificação do público periférico, contribuindo assim para o caminhar da legitimação de seus gritos, sejam de luta ou conquistas. A literatura como instrumento de mudança, pode determinar o futuro de um ser, a partir de quando ele se reconhece autor de sua própria história, podendo mudar o rumo de seu destino predeterminado pela sociedade. Ao se encontrar no mundo, conhece seu lugar de fala, podendo fazer sua voz ecoar, e proporcionar a mudança na vida de outros jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que desde a busca pelo desmembramento artístico das escolas anteriores, como o romantismo, os seres “marginalizados” são representados a partir da visão de um outro tradicional, e bem aceito na sociedade. Ao concluir essa dissertação, podemos estabelecer uma reflexão acerca da importância da criação de lugares de legitimação dos discursos produzidos pelo, e para o periférico, sem a necessidade de serem representados, mas sim, sendo reconhecidos.

O resgate da memória nos permite conhecer nossas origens, quem somos, e com isso, pensar sobre nosso futuro. A literatura como meio de registrar essas experiências, nos permite acessar essas lembranças e impulsionar o registro das nossas próprias, sobretudo no contexto periférico em que vivemos.

No contexto escolar, conhecer autores periféricos, permite um reconhecimento identitário do ser em seu lugar no mundo, e conceber pensamentos críticos sobre sua realidade. Saber sobre esses autores, pode facilitar o caminho à formação de leitores, escritores e futuros cidadãos conscientes de seu lugar de voz.

A realização de eventos culturais voltados para a periferia, como os saraus e festivais, que concedem palco aos artistas locais, são as vias de acesso a legitimação da voz do ser muitas vezes silenciado pelo sistema. A propagação, seja pela tradição oral, através de recitais e saraus; da música, como o RAP; da escrita, como obras literárias por exemplo Ferréz, Eliana Cruz; ou visual, como os títulos *Branco sai, preto fica*, e *A cidade é uma só*, dos materiais produzidos é de fato, uma disseminação de cultura, histórias e riquezas.

REFERÊNCIAS

ANTONIO Candido. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378/antonio-candido>>. Acesso em: 13 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia.

CRUZ, Eliane Alves. Água de Barrela. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018a.

CRUZ, Eliana Alves. In: LITERAFRO o portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte: Literafro, 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>>. Acesso em: 08 de março de 2023.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FERRÉZ. Capão pecado. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

O tradicional Sarau-Vá está de volta à praça da Bíblia. Jornal de Brasília, Brasília, 30 de junho de 2022. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/eventos/o-tradicional-sarau-va-esta-de-volta-a-praca-da-biblia/>>. Acesso em: 07 de março de 2023.

PALMARES. Literatura Pão e Poesia, 2010. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Literatura-p%C3%A3o-e-poesia.pdf>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

RACIONAIS MC's. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636012/racionais-mc-s>>. Acesso em: 10 de março de 2023. Verbetes da Enciclopédia.

SOARES, Mei Hua. A literatura marginal-periférica na escola/Mei Hua Soares;orientação Neide Luzia de Rezende. –São Paulo: sn.,2008.156p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30042009-143257/publico/Mei_Hua_Soares.pdf> Acesso em 15 de março de 2023.

VAZ, Sérgio.Literatura, pão e poesia. São Paulo: Global, 2011.
_____.Cooperifa: antropofagia periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.(Coleção Tramas Urbanas; 8).

ZEZÉ, Preto. Das quadras para o mundo.Brasil: Cene; 1ª edição, 1 janeiro 2021